

## MITOS RIKBAK TSA: PROPOSTA INTERDISCIPLINAR<sup>1</sup>

MYTHS RIKBAK TSA: INTERDISCIPLINARY PROPOSAL

- **Denis Alves Farias** (IFMT campus Juína – farias.denis@ibest.com.br)

### Resumo:

A pesquisa partiu de edital interno do IFMT campus Juína, com colaboração de alunos pesquisadores, matriculados no terceiro ano do curso técnico de Meio Ambiente integrados ao Ensino Médio. A justificativa do projeto parte de estudos interdisciplinares sobre mitos em sua relação histórica e arquetípica às diversas culturas e diversidades humanas, principalmente aos povos que já estavam estabelecidos em nossa nação, antes da chegada do homem europeu, e por sua contribuição cultural. Desta forma o trabalho foi desenvolvido por meio de Sequência Didática (SD) com o objetivo de enriquecer os estudos acerca da mitologia dos Rikbaktsa no aspecto comparativo aos mitos fundadores.

**Palavras-chave:** Mitologia. Comparatismo. Historiografia.

### Abstract:

The research was based on an internal edict of the IFMT campus Juína, with the collaboration of students researchers, enrolled in the third year of the technical course of Environment integrated to High School. The project's justification is based on interdisciplinary studies on myths in their historical and archetypal relationship to the diverse cultures and human diversities, especially to the peoples who were already established in our nation, before the arrival of the European man, and for his cultural contribution. In this way the work was developed through Didactic Sequence (SD) with the purpose of enriching the studies about the mythology of the Rikbaktsa in the comparative aspect to the founding myths.

**Keywords:** Mythology. Comparatism. Historiography.

## 1. Introdução

A literatura comparada como disciplina discute vários aspectos na configuração de uma obra literária, nas narrativas míticas há teorias que identificam os empréstimos mútuos, a reiteração entre o individual, nacional e universal, os conceitos de fontes e influências, como analisado nas obras de vários textos fundadores, como os de Joseph Campbell e Mircea Eliade, ao direcionar as inter-relações visíveis entre as obras de várias literaturas, os fenômenos de empréstimos e zona de influência. Esta concepção está muito ligada a vários autores como Joseph Campbell e Jung na configuração de um mito fundador, além de uma visão psíquica com foco no inconsciente coletivo que resgata fatos e situações que ocorreram e ocorrem em várias culturas, integrando o ser humano a sua sensibilidade humana.

Fatos, situações, sentimentos e ações humanas são vivenciadas em todos os lugares e culturas, de forma afins ou diferenciadas, assim, o arquétipo em sua fundação associa-se aos

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido com apoio financeiro de edital interno 12/2017 IFMT campus Juína.

mitos, religiões, crenças, lendas e fábulas, narrando situações inerentes ao ser humano, como a morte, alegria, tristeza, tragédia, fenômenos naturais e físicos. Tanto no Oriente, como no Ocidente, além da América, os mitos têm uma trajetória que explicam os principais conflitos humanos em sua relação ao divino, como constatado em várias culturas e histórias. O nascimento do Universo, a criação do homem, da mulher, a serpente e seu simbolismo, a trajetória do herói, o ponto fraco, o orgulho, a vaidade humana, dentre vários outros aspectos que se refletem em todas as civilizações. Em nosso país temos uma diversidade cultural riquíssima, com sua cultura, religião, arte e literatura que também fazem parte do imaginário popular.

As mitologias africana, europeia, asiática e ameríndia se correlacionam nas mais diversas narrativas, mesmo se situando em períodos e espaços diferenciados. Partindo desta assertiva, foi realizada a pesquisa “Mitos fundadores e arquétipos na mitologia Rikbaktsa”, de forma a desenvolver um trabalho que ressignifique a literatura mítica indígena por meio da história de construção de uma cultura híbrida, em que a modernidade é sinônimo de pluralidade, mesclando relações entre hegemônicos e subalternos, tradicional e moderno, culto, popular e massivo. A justificativa do projeto parte de estudos comparativos sobre mitos em sua relação fundadora e arquetípica às diversas culturas e diversidades humanas, principalmente aos povos que já estavam estabelecidos em nossa nação, antes da chegada do homem europeu, por sua contribuição cultural e pela reação dessas vozes marginais ao centramento hegemônico imposto pelas narrativas ocidentais.

Neste aspecto, tendo em vista o parco material literário das etnias indígenas que permeiam nosso estado e município, a pesquisa visa enriquecer os estudos acerca da mitologia dos rikbaktsas no aspecto comparativo aos mitos fundadores africanos, europeus, asiáticos e ameríndios, estabelecendo uma relação primordial desta narrativa. Com isso, o resultado engrandecerá o acervo histórico e literário mato-grossense e nacional, além de destacar o papel oralizador das narrativas indígenas.

#### Fundamentação teórica

O mito, conforme Ferry (2008), está longe de ser um apanhado de contos e lendas, uma série de pequenas histórias fantasmagóricas, com a finalidade de distrair, mas ele concerne o cerne da sabedoria antiga, os parâmetros de uma vida bem-sucedida para nós, os mortais. O pensamento mágico surge por meio da curiosidade e questionamentos acerca da natureza natural e humana. Tribos correram e se esconderam debaixo de uma grande árvore ou cavernas para não se molhar perante a chuva; nuvens se aproximavam e traziam um temporal violento, relâmpagos começaram a cortar o céu. Um raio na montanha, tempestades e outros fenômenos que os deixaram intrigados. Surge o mito, explicações acerca desses questionamentos que não tinham, ainda, uma justificativa científica e plausível.

Hueck (2016) destaca que por meio desses fenômenos e o questionamento humano nasce uma representação divina, um Deus ou vários deuses que irão se associar a estes elementos constitutivos de nosso meio. Uma inteligência superior, uma força maior que pudesse castigar e recompensar aqui embaixo. Deste modo nasce o pensamento mágico no momento em que nossos antepassados começaram a criar causa e consequência em acontecimentos que não têm relação visível ou racional. Rituais fúnebres e religiosos que constataam a interação material e espiritual em uma concepção de louvor e mistério pode ter sido um desses primeiros sinais míticos.

A inquietação nos faz buscar sentidos nas coisas: quem somos, de onde viemos e qual o sentido das coisas são pensamentos que pertencem a qualquer civilização ou sociedade.

Assim, surgem explicações comuns para cada uma dessas indagações que norteiam o imaginário cultural do ocidente, oriente e do homem pré-colombiano nas américas. Surgem os mitos, religião, magias, rituais e crenças.

Com estudos interdisciplinares a literatura comparativa aborda os preceitos históricos de inter-relações entre vários mitos, os fenômenos de empréstimos e zona de influência entre suas narrativas e escritores. De acordo com Henry H. H. Remak (1980, p. 429-437), a literatura comparada pode ser compreendida como o estudo da literatura para além das fronteiras de um país particular, e o estudo das relações entre literatura, de um lado, e de outras áreas do conhecimento (as artes, a filosofia, a sociologia), de outro. O comparatismo configura-se como o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, na medida em que umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma e no estilo. Remak acrescenta a aproximação de cunho interdisciplinar, posto que sugere ser importante para o comparatismo o confronto entre literatura e outros domínios do conhecimento, além de uma aproximação global, social e política.

Outro aspecto interdisciplinar relaciona-se aos arquétipos que Jung (2008) define como ideias coletivas que podem ocorrer de forma parecida, não importando o tempo e espaço. Seja na América do Sul, seja no Ocidente ou Oriente, as emoções que sentimos são sempre do mesmo material humano: inquietações, medo, raiva, amor, compaixão e outros que servem de base para enredos parecidos para aplacar as mesmas sensações. Isso explica por que há tantas narrativas do mesmo tema ao redor do mundo. Para os arquétipos, os mitos nasceram independentemente em diversas partes do mundo.

Na visão histórica e antropológica, de acordo com Hueck (2016) essas histórias teriam sido transmitidas boca a boca até os confins da Terra. Isto explicaria as teorias científicas da criação humana e do único continente denominado Pangeia e sua posterior divisão. Gostamos de compartilhar histórias e situações, desta forma esses temas eram adaptados conforme a cultura a qual estavam inseridas. Por trás de cada mito oculta-se uma verdade cíclica, herdada do período de maior cultura. A civilização de cada idade histórica culmina em período de apoteose científica, espiritual e artística e, quando soa a hora de sua decadência, vê-se obrigada a legar o seu tesouro inaudito a povos ignorantes, prematuros, que vão iniciar a sua evolução.

Campbell (2016) fundamenta que na história recente da mitologia é descrita em termos de uma grandiosa interação entre várias civilizações, os vaivéns de marés. Leste para Oeste, Oeste para leste; Norte para Sul, Sul para Norte, entre outras trajetórias. Como a investida séria da Pérsia contra a Grécia em 490 a.C. A conquista do levante de Alexandre virou a maré levantina e foi seguida pelas vitórias de Roma. No período romano uma contracorrente de mitologias levantinas em direção ao Ocidente começou a se fazer sentir. Este legado forneceu muitos dos motivos básicos do pensamento mitológico, presente nas mais variadas culturas e períodos históricos, permeando suas transformações em contos de fadas, novelas de cavalaria e romances. Com o fim da Idade Média e o desenvolvimento científico, a busca pelo conhecimento e bens materiais se ampliaram, ampliando o horizonte humano com novas civilizações oriundas de continentes libertos do pensamento europeu.

Hall (2013) acrescenta que a reação das vozes marginais ao centramento hegemônico imposto pelas narrativas ocidentais está no âmago das políticas culturais. Daí que se pode consolidar a transformação da vida cultural, dada à necessidade de uma estética diaspórica, que rompa com as formas puras e assumam de vez os compostos híbridos. Desta forma, esse olhar híbrido, nos direciona à América do Sul, em que nas terras brasileiras, havia uma

mitologia rica em lendas e significados que interpretavam narrativas indígenas e cuja relação arquetípica se aproximava ao pensamento do homem colonizador.

Hartog (2013) contribuiu para a formação e disseminação do conceito de regime de historicidade que ele define como os modos de articulação das três categorias de passado, presente e futuro. Segundo Hartog, este regime de historicidade é marcado por uma visão do presente que dá ênfase na memória para história. Uma nova definição surgiu por meio da relação História e memória, assim, pensadores da Nova História se voltaram para a micro-história, uma vertente que se reflete com a adoção de recortes cada vez mais específicos. Como exemplo desse recorte, temos a etnia rikbaktsa, que conforme Pereira (1994) percorriam largamente o município de Aripuanã, onde tinham algumas aldeias, também habitavam o baixo custo do Arinos, do Sangue, do Papagaio, com menos chão de correrias.

Podendo-se afirmar que o território de movimentação habitual se restringisse a 12.000 km<sup>2</sup>. Pertencentes ao tronco linguístico macro-jê. Outro ponto quanto à cultura Rikbaktsa era que outrora seus mitos predominavam nas aldeias em todos os domínios, mas com o passar do tempo e contato com outras culturas, houve uma confluência de narrativas que unem traços de outros mitos aos seus. Muitos jovens têm desconhecimento de seus mitos fundadores, enquanto que os mais velhos cultivam suas ancestralidades míticas. No domínio escolar, os Rikbaktsa têm a aula de Literatura e áreas afins, em que os professores descrevem o processo mitogênico entre os vários continentes e assim, esses mitos prevalecem sobre os mitos indígenas e são incorporados aos seus costumes, ou muitas vezes, há o hibridismo entre essas histórias que desencadeiam novas narrativas.

Diante dessa problemática é essencial resgatar os mitos fundadores dos Rikbaktsa e cultivá-los entre seus membros. Sua mitologia está enfraquecida, porém ainda existe uma certa consciência da problemática, manifestada, às vezes, em conversas e documentos.

Com uma penetração documentada em pesquisas e livros que resgatam estas narrativas, pretende-se, por meio de uma atualização, registrar o percurso histórico e arquetipo dos mitos mais proeminentes registrados em sua literatura à acepção de diversidade, como exemplo a criação da mulher que está ligada a vários mitos, principalmente ao da Deusa-Mãe Eva, cujo mito é descrito pelo menos sete mil anos antes da composição do Livro do Gênesis, em que uma inscrição entalhada em um vaso verde pelo Rei Gudea de Lagash, sob seu título de “Senhor da Árvore da Verdade”, duas serpentes copulando, enroscadas num pilar à maneira do caduceu de Hermes, deus grego do conhecimento místico e do renascimento. Sendo a serpente um ser presente em vários mitos, desde a obra Gilgamesh, mitos nórdicos, sumérios e indígenas. Nesses mitos a relação mulher/serpente está vinculado ao pecado e danoção humana, como é constatada no mito rikbaktsa “as cobras-gente” em que duas mulheres (mãe e filha) são apanhadas por um homem e a mãe lhe diz para não contar nada a ninguém até chegar ao lar dele, porém a mulher astuciosa, engana-o e, assim, sua alma não vai para o “lugar das almas” e sim, passar a viver com a mocinha cobra-gente.

Assim, um país como o Brasil, em que a diversidade cultural é imensa, pode parecer estranho quando se fala na história dos nossos antepassados. Ainda mais se pensarmos na forma como ocorreu a formação da nossa sociedade, a partir das influências recebidas dos diferentes ciclos migratórios ao longo dos anos. Mesmo estando em um processo de individualização, temos que refletir que, entender a história de uma nação, significa, no entanto, resgatar e preservar a tradição (pelo menos a que ainda resta) daqueles que contribuíram para que chegássemos ao ponto em que nos encontramos. Trata-se de uma

oportunidade para compreender, inclusive, a nossa própria identidade no espaço a qual estamos inseridos.

## 2. Metodologia e discussão

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica com referência aos diversos mitos que compõem nosso imaginário coletivo, principalmente o da diversidade nacional. Primeiramente realizamos a pesquisa bibliográfica dos mitos fundadores, conforme estudos em grandes autores e sua representação ocidental, oriental e ameríndia, estabelecendo os pontos em comuns. Na etapa seguinte, propusemos um trabalho comparativo, registrando os mitos fundadores e selecionando os mais proeminentes. Posteriormente, associamos esses mitos aos mitos fundadores e os latino-americanos. Como etapa final, relacionamos as narrativas ao estabelecer uma visão cultural, histórica e arquetípica aos mitos selecionados. Para tanto, nos embasamos dos trabalhos iniciais realizados por vários estudiosos que tomam o povo/língua/cultura como objeto de seus estudos e em seguida contextualizamos os procedimentos teóricos à prática da pesquisa. De forma interdisciplinar, objetivando-se as seguintes propostas:

Primeira etapa: estudos teóricos sobre mitologia em Joseph Campbell (1996) em “As máscaras de Deus: mitologia primitiva, oriental e ocidental” percorrendo desde a formação dos primeiros mitos fundadores e locais de mitogênese do oriente ao ocidente. Neste momento foram estabelecidos métodos comparativos por meio de estudos históricos e antropológicos. Neste estudo, a equipe se dividiu em grupos e apresentaram os trabalhos por meio de temáticas, tais como: cosmogonia, mito da criação do homem, mitos apocalípticos, mitos dos principais heróis e deuses, mitos do eterno retorno, mitos que envolvem catástrofes naturais e tragédias, dentre outros. O objetivo foi estabelecer os pontos em comum em relação aos mitos estudados.

Segunda etapa: pesquisa bibliográfica acerca dos mitos Rikbaktsa, com o objetivo de colher informações acerca de sua história, cultura e mitos. Os principais mitos foram registrados e depois analisados para o comparatismo prático do trabalho.

A pesquisa foi desenvolvida em forma de Sequência Didática (SD), Dolz (2004) define como um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito, cuja finalidade ajude o aluno a dominar melhor um gênero de texto.

### Relatório da pesquisa

A pesquisa partiu da proposta de alguns alunos do 3º ano do curso de Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio do IFMT campus Juína, tendo em vista acompanhamento com esta turma desde o primeiro ano e o grande interesse no estudo mitológico das grandes civilizações. Mitos gregos, nórdicos, celtas e egípcios foram abordados durante as séries anteriores, porém houve um entendimento de que muitas narrativas tinham os seus paralelos e desta forma, decidimos criar o projeto com o objetivo de relacionar esses mitos à sua fundação, comparação e transformações entre os vários continentes, povos e culturas. Outro fator importante para o sucesso do trabalho veio por parte de um aluno indígena da etnia



Rikbaktsa que dialogou que seria importante relacionar a pesquisa aos povos nativos do nosso país e também ao seu povo. Assim, aprovamos a proposta e criamos o projeto que fora aceito em edital interno.

Como proposta inicial, assistimos ao filme “*Avaeté: semente da vingança*”, que retrata o massacre dos índios Avaeté, vitimados por pistoleiros, a mando de uma grande empresa em sua ânsia do poder e dominação do território para posterior colonização e apropriação da terra. O cozinheiro do grupo, Ramiro, não aceitando tal situação, salva a vida de um pequeno índio e foge. Muito tempo depois, os dois se separam e atormentado pelos remorsos, o ex-cozinheiro resolve denunciar a atrocidade às autoridades e mídia nacional.

Após a exibição do vídeo, fora proposta uma discussão acerca dos segmentos apresentados nas imagens; assim, constatou-se entre os educandos o impacto do massacre perante toda uma etnia e como a cidade de Júina foi colonizada por meio da apropriação de terras alheias. Nos questionamentos fora colocado que desde à época do descobrimento foram exterminados vários indígenas por massacres, doenças e outras situações decorrentes do contato com o homem branco. O contexto histórico foi resgatado e algumas críticas quanto à história oficial foram observadas em detrimento à visão ainda idealizada do indígena em sua concepção cultural e histórica.

Surgiu a problemática de como poderíamos proceder metodologicamente para preservar os mitos fundadores da cultura Rikbaktsa e relacioná-los aos estudos mitológicos globais, em sua concepção fundadora. Com a discussão acerca do filme e desenvolvimento do trabalho de pesquisa, decidimos criar um cronograma de encontro semanal e grupo de estudos com o objetivo de socialização de ideias e planejamento da SD em conceitos teóricos e pesquisa de campo.

Diante de estudos teóricos sobre o mito, tivemos o embasamento de que essas narrativas seguem várias linhas de pensamento, como a de uma fantasia criadora ou expressão artística, a de uma mentalidade primitiva que concebe os objetos da natureza espiritual criado pela própria subjetividade humana em explicar fatos que não tinham comprovação científica, estando na base das primeiras manifestações religiosas, além de muitos teóricos derivar a tradição mítica da primitiva história do mundo e da humanidade, baseada em acontecimentos ocorridos em épocas mágicas e imemoriais.

Na visão de Jung (2008) em sua obra “*o homem e seus símbolos*” é definido arquétipo como ideias coletivas que podem ocorrer de forma parecida, não importando o tempo e espaço. Seja na América do Sul, seja no Ocidente ou Oriente, as emoções que sentimos são sempre do mesmo material humano: inquietações, medo, raiva, amor, compaixão e outros que servem de base para enredos parecidos para aplacar as mesmas sensações. Isso explica por que há tantas narrativas do mesmo tema ao redor do mundo. A criação do mundo está em todas estas mitologias, a criação do homem e da mulher, o mito da serpente e do fruto proibido; o dilúvio e fim do mundo são representações míticas em todas as civilizações. É como se carregássemos no inconsciente um pedaço predestinado a criar os mesmos símbolos em qualquer situação, explicaria os mitos tão parecidos em regiões muito distantes. Para os arquétipos, os mitos nasceram independentemente em diversas partes do mundo.

Com os estudos teóricos, os grupos aprofundariam suas pesquisas com abrangência histórica em correlacionar os mitos primitivos às diversas civilizações, principalmente aos povos ameríndios, dentre eles os Rikbaktsa.

Em nossas discussões analisamos a Idade das Grandes Crenças, na figura dos grandes imperadores que se converteram e oficializaram o cristianismo; a divisão do império do

Ocidente e Oriente; o profeta do Islã – Maomé e o alcorão que aceitam a figura de Abraão, mas rejeitavam Cristo como o messias. Temos o período da cristianização e o período da Idade Média que começa a ruir por meio do ressurgimento de novas ideias e valores antropocêntricos; a era do Renascimento, Reforma Religiosa e das Grandes navegações com o levante do cristianismo nos continentes conquistados, principalmente a América.

Com os estudos do Velho Mundo, iniciaram-se os trabalhos sobre o Novo Mundo, baseado na obra *“Cosmogonia Y Mitologia Indígena Americana”* de Grasso (1986). Assim, tomamos conhecimento que a população indígena americana, conforme teoria, tinham vindo do Velho Mundo. Aqui se adaptaram em suas formas físicas, antropológicas e sua cultura material, cujas bases teriam trazidos desde suas influências mitogênicas primitivas.

Algumas teorias ponderam que vieram através do estreito de Bering, cerca de 400 mil anos, porém outra teoria contradiz essa primeira e revela que os povos americanos se desenvolveram neste continente de forma independente, sem relação com outras civilizações (esta teoria contrasta com outras civilizações que possuem características em comum com os indígenas, como ritos sagrados, habitação e lugares sagrados). Outra teoria supõe que a diáspora ocorreu por meio do Sul da Ásia, na Indonésia, atravessando o Pacífico até sua chegada na América.

O autor argumenta que há relações entre os nativos americanos e as antigas civilizações, especialmente com a Índia Antiga e suas zonas de influência, basta observar esculturas antigas da Índia e dos Maias que perceberemos essas semelhanças. Outros lugares também são perceptíveis essas influências como o Egito e Mesopotâmia, incluindo os fenícios, gregos e romanos. Um exemplo temos com a representação da deusa da justiça, com os olhos vendados e de origem grega, porém entre os astecas e seus códigos de justiça era representado por uma venda sobre os olhos para demonstrar sua imparcialidade. Outros pontos em comum são demonstrados como aspectos do calendário, a conta do dia bissexto, uma marca dos egípcios.

Outra teoria em que o nativo americano veio por meio do Oceano Pacífico para estas terras registra o uso do número sagrado nove em suas classificações de ideias cósmicas e religiosas e em outras representadas pelo número sete. O matriarcado nos nativos americanos era o princípio do universo e da criação, conforme constatado em vários mitos fundadores.

Ao que tudo indica houve um movimento migratório em que os nativos vieram para lugares mais afastados e adentraram a América do Sul e chegaram as terras brasileiras, ligadas a mitologia dos povos da Amazônia. Conhecidos como tupi-guarani, que se difundiram por toda costa do país e chegaram ao rio da Prata, de lá difundiram-se pelo Caribe, pelas Antilhas até chegarem na Flórida. A difusão da agricultura nesses lugares parecia ser bastante semelhantes e passa por um período de 2 mil anos a.C. Assim distinguimos aspectos culturais nessas regiões como a presença de coletores primitivos, caçadores, culturas do deserto e povos agricultores de origem marítima, provavelmente vindo a este continente três mil anos a.C. Um mito muito semelhante entre esses povos é o do gamelo, em que a figura do pai é vista como a do herói e salvador. O pai salva os dois filhos que estavam amamentado sua mãe, já morta, depois de ter sido assassinada por um ogro ou um espírito maligno. Crescem, tornam-se fortes e empreendem uma saga em busca do pai e de vingança contra o assassino da mãe. Esse mito refere-se aos filhos do deus Sol, nascidos milagrosamente de uma virgem. Este mito é conhecido pelos indígenas caribes, araucos e tupis. Em outras tribos como os guaranis e arawak havia a veneração de um rei, por mais que as vezes sejam os grandes caciques, mas demonstrava distintas classes sociais, reis, nobres, plebeus e escravos.

Nos mitos arawak uma das narrativas mais constantes é a de que os homens saíram das cavernas e do submundo na primeira idade dos homens e os animais não se distinguiram entre eles e todos falavam. Na segunda idade dos homens já se percebe a completa distinção entre uns e outros. Também há o matriarcado nos arawak, pois a mulher tinha a maior importância de poder na tribo, assim como os araucanos do Pampa. Ninguém poderia supor que esses nativos eram comandados por mulheres e por meio de um “herói cultural” conseguiram inverter a sociedade matriarcal em patriarcal, como visto no mito da separação do homem e da mulher dos mitos Rikbaktsa ou o caso das sociedades secretas dos homens em que se disfarçam de espíritos, saem da selva e vai á “casa dos homens”, isso é ressignificado no rito de iniciação do jovens, em que é declarado que a farsa significa a tradição da sociedade patriarcal sobre as mulheres. Outro aspecto relevante é a figura do xamã que tem sua representação nos diversos mitos.

A etnia Rikbaktsa que percorria largamente o município de Aripuanã (MT), que Juína, em sua origem era distrito. Havia algumas aldeias e habitavam próximo a alguns rios como o Arinos, do Sangue e do Papagaio. Hoje, as tribos estão espalhadas pelo interior de Mato Grosso e especificamente, analisaremos os mitos Rikbaktsas pertencentes à etnia situada no distrito de Fontanillas. Um ponto quanto à cultura Rikbaktsa era que outrora seus mitos predominavam nas aldeias em todos os domínios, mas com o passar do tempo e contato com outras culturas, houve uma confluência de narrativas que uniram traços de outros mitos aos seus.

Por meio de pesquisas bibliográficas e de campo, sendo esta realizada com apoio de alunos indígenas pertencentes à etnia Rikbata e contatos por meio de entrevista com membros desta tribo. Com pesquisa etnográfica, cujo objetivo serviu para resgatar seus mitos fundadores e registrá-lo como forma de documento histórico. Sua mitologia está enfraquecida, porém ainda existe uma certa consciência da problemática, manifestada, às vezes, em conversas e documentos. Com o recurso de material que resgatam estas narrativas, decidimos analisar alguns mitos Rikbaktsas em relação aos mitos fundadores e assim, por meio de uma atualização, registrar o percurso histórico dos mitos mais proeminentes comparados aos do contexto global, como exemplo o da criação da mulher que está ligada a várias narrativas, principalmente ao da Deusa-Mãe Eva, cujo mito é descrito pelo menos sete mil anos antes da composição do Livro do Gênesis, em que uma inscrição entalhada em um vaso verde pelo Rei Gudea de Lagash, sob seu título de “Senhor da Árvore da Verdade”, duas serpentes copulando, enroscadas num pilar à maneira do caduceu de Hermes, deus grego do conhecimento místico e do renascimento. Sendo a serpente um ser presente em vários mitos, desde a obra Gilgamesh, mitos nórdicos, sumérios e indígenas. Nesses mitos a relação mulher/serpente está vinculado ao pecado e danação humana, como é constatada no mito Rikbaktsa “as cobras-gente” em que duas mulheres (mãe e filha) são apanhadas por um homem, e a mãe lhe diz para não contar nada a ninguém até chegar ao lar dele, porém a mulher astuciosa, engana-o e, assim, sua alma não vai para o “lugar das almas” e sim, passar a viver com a mocinha cobra-gente.

### ***2.1 Estabelecendo semelhanças entre as principais narrativas míticas analisadas na pesquisa***

A etnia Rikbaktsa, conforme artigo publicado por Reis e França (2013) vive na bacia do rio Juruena e seu território tradicional situava-se entre os paralelos 9° e 12° graus de latitude sul e os meridianos 57° e 59° graus de longitude oeste, espalhando-se pela bacia do



rio Juruena, desde a barra do rio Papagaio, ao sul, até quase o Salto Augusto no alto Tapajós, ao norte, hoje conhecido como Parque Estadual Igarapés do Juruena; a oeste expandia-se em direção ao rio Aripuanã e a leste até o rio Arinos, na altura do rio dos Peixes, configurando uma região de cerca de 50 mil km<sup>2</sup>. Este espaço distante e isolado das cidades e abrigava o povo Rikbaktsa e esporadicamente era atravessada por expedições desde o século XVII. Sem documentação que comprove o contato desses indígenas e expedições torna-se superficial em relação ao processo histórico desta tribo, a ausência de contato pode ser justificada pelo fato dessas comunidades não serem o foco das expedições que eram científicas, comerciais ou estratégicas. Como não frequentavam as margens dos grandes rios devido aos transbordamentos nos meses de chuva, as condições de contatos com outros grupos eram mínimas.

Os primeiros registros deste povo vieram dos seringueiros da Amazônia, sendo a borracha um bem muito valorizado neste período que atraía pessoas de diversas regiões do país. O primeiro contato com os Rikbaktsas deve ter ocorrido entre os anos de 1942 a 1968, no período conhecido como o Terceiro Ciclo da Borracha, estima-se que sua população fosse superior a 1300 habitantes, espalhados em várias tribos. Durante muitos anos se impuseram na região pela arte da guerra, pois eram submetidos a treinamentos ainda muito jovens. Por muitos anos as táticas de guerra funcionaram, mas na ocasião do Terceiro Ciclo da Borracha houve uma invasão pelos seringueiros e conflitos eram inevitáveis, além destes embates e com o projeto 'Marcha para Oeste' que se alastrava nesta região, muitos indígenas morreram, não só pelas guerras, mas também por epidemias e doenças trazidas pelo homem branco.

Na primeira etapa do projeto houve a tentativa de "pacificação" e "domesticação" dos indígenas pelo Pe. Dornstauder que discursou acerca da prática da não violência, principalmente quanto ao uso de armas. A aproximação entre o branco e o indígena se deu por meio de trocas de presentes como miçanga, espelhos e ferramentas que eram deixados espalhados próximo a seus lares e quando os Rikbaktsas se acercavam, os jesuítas tentavam uma aproximação entre eles.

O primeiro diálogo entre os jesuítas e os Rikbaktsa se deu em meio a floresta, por meio de mímica em 30 de julho de 1957. Com a pacificação desses indígenas, iniciou-se a segunda etapa, que seria a implantação dos Postos de Assistência Indígena, com isso o povo Rikbaktsa passa a buscar ajuda nos postos para se tratar de doenças ainda desconhecidas entre eles. Dentre as atividades oferecidas para este povo estava a educação para as crianças, atividade que visava a formação cristã para seus grupos autóctones, tidos como selvagens e pagãos. Depois de muitos anos em internatos, voltaram para suas aldeias, porém sua cultura havia se distanciado pelos anos de separação e a grande maioria havia esquecido o próprio idioma.

Muitas de suas terras foram invadidas por seringueiros, fazendeiros e madeireiros e calcula-se que do território tradicional de 50,000Km<sup>2</sup> e 5 milhões de hectares aproximadamente, restaram apenas 401.381 hectares de mata amazônica em três terras homologadas pelo Governo Federal. A etnia que chegou a 300 indivíduos no final da década de 1960 hoje se encontra recuperada demograficamente com uma população de 1.334 indivíduos em 33 aldeias distribuídas ao longo dos rios Juruena, Sangue e Arinos, segundo informações do SIAS9 em 27/10/2011. A maioria delas localizadas as margens do rio Juruena por ser de fácil acesso ao município de Juína onde está à base da FUNAI.

Pelos registros dos mitos Rikbaktsa, muitas das narrativas estão relacionadas aos mitos de origem em que todos os homens viviam juntos, sendo que devido a desavenças e incompatibilidades ideológicas se afastaram e procuraram por outras terras, mito que

descreve a união do indígena e do branco que tinham uma relação de paz no princípio, porém o segundo tenta subjugar o primeiro e por meio de suas armas tomam suas terras e impõem uma nova cultura. Outros mitos retratam a desavença entre os guerreiros Rikbatsa e seus inimigos como os Cinta-larga e os Bizitsa, que constantemente guerreavam entre si e adquiriam conhecimento com outro, principalmente na arte da guerra, estratégia militar e aperfeiçoamento de armas. Os Rikbatsa são representados como guerreiros idealizados, heróis prontos para defender sua nação e povo, um cavaleiro medieval aos moldes do Romantismo brasileiro. Enfrentam animais ferozes e temíveis, como a sucuri, a anta, o crocodilo e a onça. Em sua origem ainda havia a visão matriarcal da mulher que estava ligada à fertilidade e à terra, e os homens ligados à caça e pesca. O sol era representado pela figura feminina e a Lua pelo homem, como identificado nos mitos primitivos.

Não há uma cosmogonia e teogonia específicas para os Rikbaktsa, alguns mitos demonstram o pensamento de que havia alguma divindade que morava “em cima”, como comprovado nos mitos “*O Pai-do-Vento e o homem*”, “*A Mãe-do-Vento flecha um homem*” em que esses seres seriam espíritos de seus ancestrais, porém enviados por um deus maior, sem denominação e invisível. Na criação do homem só é descrito que no mundo havia as mulheres e os homens, sendo que o feminino tinha o poder e responsabilidade sobre o masculino, pois representavam a vida e a morte em seus rituais.

Como em todos os mitos, a queda do homem estava representada pela figura da mulher que sucumbe à curiosidade e experimenta ervas e plantas proibidas pela tribo, de seu corpo espalham sementes e produtos que fecundam o seu corpo, gerando crianças más e animais medonhos. A maldade é gerada pela mulher e suas crianças metamorfoseiam nas mais diversificadas espécies, como pássaros, insetos e animais peçonhentos. Como no mito de Prometeu, roubam o fogo de seus lares e fogem da companhia dos homens, assumem um perfil maligno e se unem a seres maus como a sucuri, a anta e o jacaré. Por meio de sua curiosidade, as crianças e mulheres bonitas morrem afogadas e só as feias sobrevivem. São amaldiçoadas a viverem isoladas do homem, mas perdem o fogo que roubaram. Os homens arrependidos tentam encontrar suas mulheres e perdoá-las por sua fuga, porém não há volta e conseguem recuperar o fogo, que é apagado por meio do mundo sobrenatural, em que as mulheres chamam por seus filhos bonitos que saem da água e apagam a chama. Seres e entidades fantásticas estão presentes nesses mitos e metamorfose é constante, como o peixe acará que sai de suas águas para acompanhar o homem e ter relações sexuais, e assim gerar a perpetuação da espécie.

Depois deste ciclo, a representação da mulher é substituída pelo patriarcalismo, o homem consegue por meio do pai-do-fogo recuperar a chama e torna-se o poder que reinará em suas terras, preparam seus filhos desde moço para se tornarem grandes guerreiros e por meio de rituais prometem que nunca deixarão que as mulheres dominem novamente sua sociedade. Enfrentam seus adversários em combates homéricos e comemoram suas vitórias. A natureza torna-se fantástica em suas narrativas, sendo que a maioria dos animais ainda fala e auxilia o homem em suas jornadas, sendo que os animais ligados à vida e a bondade representados pela figura masculina e animais peçonhentos e silvestres representados pelas mulheres. A selva representa todo o perigo e emboscada, tanto pelos povos inimigos como pelos animais silvestres. A água, origem de toda a vida é representado pelo perigo, a astúcia e veneno feminino; animais peçonhentos convivem com o feminino em suas artimanhas e algumas tornam-se seres predadores e vingativos que devoram e comem suas vítimas, como a Mãe-d'água, que atrai suas vítimas para o rio e as matam e come sua carne. Na história

“velhos matam crianças” raptavam os recém-nascidos e a alimentavam por duas luas para depois se alimentarem de sua carne.

Os Rikbaktsa em seus mitos sempre estavam lutando e caminhando por lugares desconhecidos e perigosos, quando encontravam algum inimigo perigoso iniciava-se o combate e ao matá-lo, comiam sua carne em um ritual antropofágico. Cortavam a cabeça do inimigo e alguns se apropriavam desta parte do corpo, pois simbolizava a força e inteligência do oponente. Muitos dos mitos estão relacionados aos animais típicos da floresta e como nas fábulas, cada espécie representava um perfil humano.

Depois que a mulher se tornou uma imagem submissa ao poderio masculino, tentava de toda forma enganá-lo e muitas das vezes, uniam suas forças para prejudicar o homem. A esposa e a nora; a mulher e animais peçonhentos era comum em preparo de armadilhas e emboscadas para o mal. Muitas das vezes o homem era advertido em sonho para se precaver da habilidade feminina e conseguir vencê-las em suas malícias. Em “*O casamento sem amor*” a mulher casa-se com o indígena sem amor e depois o abandona, fica grávida de outro homem e mata a criança. Torna a matar quando o recém-nascido é uma menina.

Outro ponto a se destacar de sua mitologia é quanto à homossexualidade masculina, em que “*um indígena afeminado*” consegue seduzir vários outros e levam-no à esposa deste, porém a mulher expulsa o marido efeminado e o faz morar com os outros índios. Neste aspecto a relação bissexual é algo normal em seus mitos. Em outra situação “*O homem vira mulher*” o irmão mata o outro ao saber da condição desta transformação. Assim, também, é constatada a discriminação quanto à homossexualidade masculina. Palavras informais são bastante utilizadas como “pica”, “peidar”, “cagar” e outras, comuns em seus mitos. O incesto é visto em várias narrativas, como na que os homens se separam das mulheres, uma mãe “transa” com o próprio filho, gerando uma anta.

O mito da serpente é muito comum nas narrativas míticas dos Rikbaktsa e sempre está aliado a figura feminina, variações como a cobra-cega e sucuri estão ligadas à traição, adultério e morte. Temos a história “*O marido mata a mulher*”, em que o indígena flagra a esposa com o amante e a mata, na narrativa “Um homem enganava outro” quando um homem que imitava o coaxar de um sapo, ficava com a mulher do outro; a mulher ficou de barriga e se descobriu toda a farsa. A feiura é vista como uma maldição e geralmente ligada à criança, que em muitas das histórias morrem prematuramente ou são engolidas por um algum animal, como na narrativa “*A sucuri engole o caçula*” e “*A separação do homem e da mulher*” em que as crianças feias são transformadas em toda espécies de animais, insetos e aves.

Outra entidade fantástica nas narrativas míticas é o Pai-do-Mato que assusta as crianças, homens e os castigam, outras vezes assassinam suas vítimas e as comem. Nestas histórias, o mito sempre morre ao final, mas em outras histórias reaparece. A reencarnação da personagem é associada aos perigos da selva que mesmo destruído, volta a aparecer em sua forma sombria. Para acabar com esse mal, os homens devem se unir e caçá-lo para terminar o ciclo. Quando não conseguem matar o ente sobrenatural, mudam-se para outro lugar. Histórias como “*O Pai-do-mato carrega o homem*”, “*Os Pais-do-Mato foram à festa*” e “*O Pai-do-Mato e o homem*” corroboram este mito.

O sobrenatural e desconhecido são os elementos que geram o medo nos Rikbaktsa e os fazem mudar de espaço. O mito “*A assombração de gente mete medo*” mostra o temor a uma assombração que sempre aparecia em forma de gente e decidem mudar de lugar. “*A assombração do marido comeu a cunhada*” o marido morre e aparece em forma de assombração e tem relação sexual com a cunhada”, uma representação do demônio Incubo

que nos sonhos realiza atos sexuais com a vítima. A partir destes dados, analisar-se-á a relação entre os mitos Rikbaktsa e os mitos fundadores.

## 2.2 Correlação entre os mitos

### Fogo (mito de caráter fenomenológico e religioso)

Muitos são os mitos a respeito do fogo e posteriormente o roubo deste por algum ser. Conforme Freund (2003) em alguns mitos aborígenes australianos, o velho Pundyl abriu a porta do Sol e um jato de fogo derramou sobre a humanidade. Os esquimós, na época do grande incêndio, as águas do oceano ficaram tão quentes que acabaram evaporando.

Os ipurinas, tribo do noroeste brasileiro, narram que há muito tempo a Terra foi devastada por uma enchente quente. Os iurucarés, da Bolívia, dizem que Aimasunhe, um demônio, era o responsável pela queda do fogo do céu. Só um homem que conseguiu sobreviver, ao se esconder em uma caverna. Tudo se tornou cinza.

Na mitologia hindu, o final da criação ocorre ao final de cada kalpa, ou dia de Brahma, por chamas vomitadas das presas de Sesha, a serpente. Em Gilgamesh, épico babilônico, temos uma chuva de fogo espalhada pelos anunnakis, espíritos vulcânicos, que corriam pelos céus com suas tochas erguidas.

Na Grécia, o fogo está representado por grandes labaredas no reino de Hades, em Faetonte, filho de Apolo, pede ao pai para conduzir a carruagem do Sol, não consegue e em ziguezague, chamosca as constelações, quase destruindo o planeta. Nuvens desaparecem, a Líbia transforma-se em um deserto e o Nilo escondeu-se sobre a terra, onde ainda se ver suas cabeceiras e os etíopes foram escurecidos.

Em muitas histórias há o roubo do fogo dos deuses pelo homem. Na Nova Zelândia, Mauí, dos maoris, é instruído por sua avó para roubá-lo de Mahu-ika, o gigante que protegia a chama. Com palavras mágicas Mauí atirou cinco vezes o gigante no ar, que cai e quebra o pescoço. Mauí pega o fogo, mas não consegue controlá-lo e o mundo começou a arder. Pediu ajuda a vários deuses, que tiveram que se unir para apagar o grande fogo.

Os índios tuleyomes, da Califórnia, narram a história de Wekwek, o falcão que roubou o fogo, mas o deixou cair durante o seu voo e com isso o mundo ficou em chamas. Temos o mito de Prometeu que roubou o fogo para entregar ao homem e assim, é castigado por Zeus. O homem torna-se o ser mais poderoso da Terra após se apossar deste poder. Na mitologia celta o Príncipe Irlandês da Ilha Solitária, apossa-se de uma chama do poço da Rainha de Tubber Tubber e furta o fogo.

Para Mindlin (2002) na representação mítica do fogo nos indígenas, os animais são os donos originais de fogo. Em alguns mitos como os do Kaiapó-Gorotire, um homem é abandonado pelo cunhado no alto de uma rocha e fica preso em um ninho de arara. Joga os ovos para seu cunhado e eles se transformam em pedras. Como não consegue sair, é salvo por uma onça-pintado (macho) que o leva para sua morada e oferece carne assada. A mulher da onça tenta devorar o homem, mas é morta pelo rapaz que rouba a carne assada e descobre o segredo do fogo. Narrativa bem similar a grande serpente dos primeiros agricultores, em que a serpente, após abandonar a mulher, cuida de seus dois filhos e pede para que tragam comida, porém trazem um peixe e comem cru. A serpente orienta o jovem que entre dentro de sua barriga e traga a chama. A luz assa o peixe.

Muitos são os mitos sobre o fogo em várias culturas e civilizações, assim, para alguns os criadores é quem dão o fogo e em outros, o fogo é estimulado por alguém ou por alguma criatura a roubar do dono egoísta. No mito Rikbaktsa “A separação do homem e da mulher”, as mulheres abandonam os homens, após serem agredidas por alguns e levam o fogo consigo, os homens vão em busca, mas não consegue o seu intuito e decidem deixar as mulheres em paz. Andam por muitos dias e encontram o Pai-do-fogo e por sorte, uma semente que cai do ente fantástico estala e cai bem pertinho desses homens. Eles apanham o fogo e levam-no para o seu antigo lar. Quando chegaram, aumentaram o fogo e o usaram para várias finalidades.

O mito do fogo passa por várias interpretações conforme sua origem, porém, sua significação está relacionada a própria experiência humana em explicar os fenômenos naturais e criar conceitos de origens para o universo e para a Terra. Com outras formas de conhecimento e transformação do mito por meio de um deus, as narrativas se transformam e são apropriadas pelos povos que a reinventa e lhe dar um sentido oculto e profundo.

#### Produto final

A Sequência Didática teve um período de quatro meses para ser concluída, resultado de pesquisas bibliográficas, aprovado por edital interno do IFMT campus Juína. Para o trabalho realizado em grupo, os alunos assumiram papéis diferentes, como o de pesquisadores, visando gerar trocas entre eles. Tanto o material inicial como os resultados serão publicados em revistas especializadas, bem como em eventos científicos. O comparatismo foi essencial para a análise do trabalho, pois relacionou vários textos relativos à temática desenvolvida, tendo como referência estudos interdisciplinares inferidos ao desenvolvimento da proposta.

Todos os documentos produzidos pelos pesquisadores encontram-se em arquivos para posterior revisão e confecção de materiais; por meio da interdisciplinaridade, o produto foi acrescido de teorias que respaldaram os conceitos estudados e discutidos durante a sequência didática.

A pesquisa foi muito importante para o processo de ensino e aprendizagem, entre os envolvidos, pois ressignificou a construção do conhecimento em conjunto e a própria formação dos estudantes inseridos neste projeto. Cabe ressaltar que ainda há desafios e lacunas que temos que trabalhar com maior profundidade na aplicação desta SD, bem como os principais achados ao realizar o trabalho de forma interdisciplinar.

### 3. Considerações finais

Os estudos sobre os mitos fundadores e arquétipos na mitologia Rikbaktsa partiram de aporte teóricos de grandes autores que trabalham o tema em várias concepções, a histórica é vista a partir de um mito fundador a qual outras culturas se apropriaram e modificaram para explicarem suas crenças e fenômenos naturais, como a morte a mudança das estações, o movimento do Sol e da Lua e a origem do universo e do próprio homem. Para muitos mitólogos e psicólogos modernos, o mito revela o funcionamento interno do psiquismo humano. Esses pensadores retratam que ao compararmos os mitos provenientes do mundo inteiro, descobrimos que em muitas culturas há, por exemplo, narrativas do fogo, do dilúvio, do nascimento da mulher, da serpente entre outros. Carl Jung, Joseph Campbell e muitos



outros enfatizam esse aspecto arquetípico e universal do mito. Para alguns mitólogos, os mitos são ao mesmo tempo sonhos coletivos culturais e universais, que que muito revelam os aspectos culturais, mas sobre quem e o que como com civilização.

O trabalho iniciou-se por uma proposta dos educandos em se trabalhar com os mitos fundadores e arquetípos que traçariam uma história em comum entre as narrativas mais conhecidas e sua relação com os mitos Rikbaktsa. Com o projeto aprovado pelo IFMT *campus* Juína, um grupo de alunos do 3º ano Ensino Médio foi selecionado para a pesquisa e desenvolvimento do tema. Como primeira etapa, decidimos que a pesquisa seria em forma de Sequência Didática (SD), visto que o projeto seria abordado em termos processuais, em encontros semanais e com módulos de aprendizagem.

Primeiramente realizamos a pesquisa bibliográfica dos mitos fundadores, conforme estudos em grandes autores e sua representação ocidental, oriental e ameríndia, estabelecendo os pontos em comuns. Nesta etapa, conseguimos identificar traços em comum entre as narrativas de várias civilizações como a egípcia, a grega, a nórdica entre outras. Como produção inicial, os alunos assistiram ao filme “*Avaeté: semente da vingança*” e refletiu-se sobre o contexto do primeiro contato dos brancos e indígenas no distrito de Fontanillas, em uma situação de extermínio e domínio de uma cultura por outra.

Como primeira etapa, houve todo um estudo sobre o gênero mito que partiu de pesquisas bibliográficas e teorias baseadas em vários mitólogos. Em segundo momento, correlacionamos os mitos primitivos, orientais, ocidentais e ameríndios aos mitos rikbaktsa; houve uma pesquisa interdisciplinar cujo objetivo se relacionou ao interdiscurso entre várias culturas, assim, algumas narrativas foram selecionadas e contextualizadas de acordo com o objetivo do trabalho e fundamentais para a reflexão e análise da próxima fase. Na etapa final, foram selecionados três mitos Rikbaktsa para a análise comparativa da proposta temática, sendo o mito do fogo apresentado para esta discussão.

O resultado da intervenção pedagógica contribuiu para a formação do leitor crítico ao relacionar os contextos histórico-sociais ao processo de intertextualidade e comparatismo das narrativas míticas globais com os mitos locais de Juína, além da compreensão e reconhecimento das práticas sociais da linguagem a partir de produção de textos por meio dos mais variados gêneros discursivos em uma conjuntura interdisciplinar.

O estudo possibilitou melhorias na prática pedagógica do professor por meio de momentos de discussão e reflexão sobre o processo histórico e social dos mitos analisados e sua relação com os fatos contemporâneos e históricos, além de procedimentos de Sequência Didática, que tornaram as aulas mais dinâmicas, criativas e interativas, tendo como protagonista o educando autônomo e agente transformador social.

#### 4. Referências bibliográficas

- CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus: mitologia ocidental*. São Paulo: Palas Athena, 1996.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- FERRY, Luc. *A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

- FREUND, Philip. *Mitos da criação*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- GRASSO, Dick Edgar Ibarra. *Cosmogonia y mitologia indígena americana*. Buenos Aires: Kier, 1986.
- HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013
- HUECK, Karin. *O lado sombrio dos contos de fadas: as origens sangrentas das histórias infantis*. São Paulo: Abril, 2016.
- JUNG, Carl G. *O homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MIDLIN, Betty. *O fogo e as chamas dos mitos*. Estud. av. vol.16 no.44 São Paulo Jan./Abr. 2002.
- PEREIRA, Adalberto Holanda. *O Pensamento Mítico do Rikbaktsa: antropologia, nº 50*. Rio Grande do Sul: Instituto Anchieta de pesquisas, 1994.
- REIS, Vanilda e FRANÇA, Cecília. *Rikbaktsa: uma história sob duas perspectivas*. Sinop, 2013. Disponível em < <http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/files/>> Acesso em: 09/09/2017.
- REMAK, Henry H. H. *The Future Of Comparative Literature*. In: *Proceedings Of The Eighth Congress Of The ICLA*. Stuttgart: Kunst und Wissen/Erich Bieber, 1980. p. 429-437.